

# FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

- HISTÓRICO
- FORMAÇÃO
- QUESTÕES DE LIMITES

Palestra proferida pelo Ten Cel Inf QEMA CHILDERICO FERNANDES DE CARVALHO, no QG da 2.<sup>a</sup> Bda Ms, em agosto de 1962, como parte do Programa de Instrução dos Oficiais da Guarnição de Corumbá — MT.

## PRIMEIRA PARTE

### PERÍODO COLONIAL

#### SUMÁRIO

1. Síntese Histórica das primeiras Expedições ao Novo Mundo e das tentativas iniciais de Conquista e Colonização das Terras Descobertas.
  - a. *Primeiras Expedições*
    - b. Conquista e Colonização Espanhola da Bacia Platense.
  2. Influência das Bandeiras na Formação dos Lindes Ocidentais do Brasil.
    - α. O Ciclo da Caça ao Índio e a Conquista das Regiões do Guará e do Itatin.
    - b. O Ciclo do Ouro e do Diamante e a Conquista do Oeste.
  3. A arrancada para o Norte e a conquista da Amazônia.
  4. Síntese retrospectiva.
  5. A capitania de Mato Grosso e a formação da fronteira Brasil-Bolívia.
    - α. O Ciclo do Ouro Mato-grossense e a Criação da Nova Capitania.

- b. O Tratado de Madri (1750) e os Lindes Mato-grossenses.
  - c. O Govêrno de Rolim de Moura e os Lindes Mato-grossenses.
  - d. Os Acôrdos de 1761 e suas Repercussões nas Colônias Americanas.
  - e. O Govêrno de Luís de Albuquerque e os Lindes Mato-grossenses.
  - f. O Tratado de Santo Ildefonso (1777) e os Lindes Mato-grossenses.
- 6 A Revolução Francesa e a repercussão nas Colônias Sul-Americanas dos princípios que a nortearam.

## SEGUNDA PARTE

### PERÍODO IMPERIAL-REPUBLICANO

#### SUMÁRIO

- 1. O Tratado de La Paz (1867) e a fronteira Brasil-Bolívia.
  - a. A Questão do Acre.
- 2. O Tratado de Petrópolis (1903) e a fronteira Brasil-Bolívia.
- 3. O Tratado de Natal (1928) e a fronteira Brasil-Bolívia.
- 4. Questões de limites:
  - a. Ilha de Guajará-Mirim (Isla Suarez).
  - b. Marco do Jacadigo.
  - c. Cerrinho de São Matias-Corixa do Destacamento.
  - d. Morro dos Quatro Irmãos-Nascente do Rio Verde.
    - (1) Marco do Rio Turvo.
    - (2) Nascente Fawcett.
    - (3) Nascente Geográfica.

## 1. Síntese histórica das primeiras expedições ao nôvo mundo e das tentativas iniciais de conquista e colonização das terras descobertas.

Em outubro de 1513, Vasco Nuñez de Balboa, fidalgo espanhol, descobre o oceano Pacífico; nesse mesmo ano, pequena armada portuguesa de dois navios atinge o rio da Prata.

Em outubro de 1515, pouco tempo depois de conhecido na Europa o feito de Balboa, apressa-se Espanha em atribuir a João Dias de Solís a missão de seguir em busca da passagem que se supunha existir no maciço terrestre colocado entre os dois oceanos, pela qual se pudesse prosseguir a caminho das Índias, velejando para Oeste, como imaginara Colombo.

A malograda tentativa de Solís, segue-se a viagem vitoriosa de Fernão de Magalhães, piloto português a serviço de Castela em setembro de 1519. Como seu antecessor, penetra no rio da Prata, manda subir o até então desconhecido rio Uruguai e depois, certo de que aquele não é ainda o caminho procurado, retrocede e veleja para o Sul e, finalmente, singra as águas do estreito famoso que daria a Espanha a glória da primeira circumnavegação.

Não perdem tempo os reis de Castela e, em abril de 1526, outra frota é aparelhada para estabelecer o comércio de Espanha com as Molucas, pela rota descoberta por Magalhães; mas Gaboto prefere seguir em busca das riquezas que diziam existir nas terras do rio da Prata. Entra no estuário do já lendário "Mar de Solís" e depois de percorrer grande parte dos cursos dos rios Uruguai e Paraná, sobe as águas barrentas e preguiçosas do Paraguai e vai até um ponto muito acima da foz do Pilcomaio, assim realizando a primeira infiltração naval na América do Sul.

Em 1535, lança Mendoza os fundamentos de uma povoação a que denominou de Santa Maria de Buenos Aires; no ano seguinte, o lugar-tenente do Adelantado, João de Ayolas, que havia subido o rio Paraguai em busca de ligação com o Peru, funda Assunção, mais tarde eleita por Martinez de Irala "a capital das conquistas espanholas do rio da Prata".

Em 1548, a tão ambicionada ligação com a terra dos Incas concretizava-se com Nuflo de Chaves que, mais tarde, em 1560, fundaria a povoação intermédia de Santa Cruz de la Sierra.

Ao Norte, desde 1523, os espanhóis penetram na Venezuela e a partir de 1525, decisivamente na Colômbia.

Em 1531, realiza Pizarro a segunda investida para a conquista do Peru e, no ano seguinte, inicia-se a exploração do rio Madalena, estrada aberta à penetração no interior do continente.

Em 1537, lança Quesada os fundamentos de Santa Fé de Bogotá e, em 1540, Valdívia funda Santiago do Chile, enquanto Gonçalo Pizarro, vencendo a Cordilheira, atinge o vale do rio das Amaonas, cujas águas ligeiras transportam Orellana à foz do "Rio-Mar", em agosto de 1541.

E assim, enquanto a gente castelhana penetrava no âmago do Nôvo Continente, as caravelas portuguesas procuravam delinear o litoral brasileiro, ainda abandonado e, já então, alvo da cobiça desenfreada de aventureiros e traficantes de toda sorte.

Somente em 1530, com a expedição de Martim Afonso de Sousa, vem a cogitar Portugal da posse efetiva da terra e da colonização regular do Brasil. E depois da fundação da vila de São Vicente, em 1532, a criação paulatina de outros núcleos populacionais vai afirmando a soberania lusitana ao longo do litoral brasileiro, e proporcionando aos portugueses as bases de que careciam para a luta contra o estrangeiro invasor, para a posse do restante da costa e para a penetração no interior da Colônia.

Em 1554, fundava-se no planalto de Piratininga, com a vila de São Paulo, o núcleo populacional de onde os paulistas, em arrancadas memoráveis, irradiar-se-iam em todas as direções, à caça do gentio, em busca de riquezas. E se as diversas entradas partidas da costa atlântica, no decorrer da segunda metade do século, atingiram as terras do sertão baiano e as zonas Norte e Oriental das Minas Gerais, é no entanto, dali do planalto, que as bandeiras dos "portugueses de São Paulo" arrancaram incontroláveis, primeiro para o Sul e, logo, para Oeste e para o Norte. Avançaram interior adentro e dominando o meio hostil, impondo sua vontade ao silvícola, fustigando o rival castelhano e descobrindo ouro e pedras preciosas, assim foram empurrando para o Poente as raiz das Tordesilhas, e traçando para a Colônia os lindes que, hoje em dia, em linhas gerais o Brasil possui.

#### b. *Conquista e Colonização Espanholas da Bacia Platense*

Para melhor compreensão e concatenação dos fatos que a seguir iremos expor, fixemos alguns aspectos da conquista e da colonização empreendidas pelos espanhóis, na região situada entre os rios Paraguai e Paraná-Uruguai.

Sabe-se que Solis, ao desembarcar em território, hoje uruguaio, foi acometido e morto pelos charruas, habitantes daquelas paragens. Segue-se-lhe Gaboto que, não podendo vencer o Salto Grande, no Uruguai, nem as corredeiras do Apipé, no Paraná, prefere buscar, no curso desimpedido do Paraguai, o acesso fácil ao interior do continente.

Para prosseguir na conquista e promover a colonização das terras do rio da Prata, enquanto Portugal adotava no Brasil o sistema de capitânicas hereditárias, Espanha preferia nomear adelantados para desincumbirem-se daquela missão. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, su-

cessor de Mendoza, tendo perdido, a caminho de Assunção, as melhores naus de sua frota, na barra do pôrto de Santa Catarina, resolve empreender o restante da viagem por terra, como freqüentemente faziam, desde 1540, os habitantes de ambas as colônias, em suas relações de comércio. Enquanto parte da expedição segue pelo caminho do Prata, sai êle, em outubro de 1541, da foz do rio Itapocu, no litoral catarinense, atinge o Piquiri e o Iguaçu e, atravessando o rio Paraná, chega ao Paraguai, em maio do ano seguinte, depois de 143 dias de percurso. Desejoso de também participar das riquezas do altiplano, desde logo retoma o problema das ligações com o Peru e, nesse sentido, sai de Assunção, em setembro de 1542, remontando o rio Paraguai até o Pôrto dos Reis, na lagoa Gaíba, de onde inicia a marcha por terra, na direção do Ocidente. Os obstáculos encontrados no caminho, a falta de víveres e a ausência de informações seguras, obrigaram Cabeza de Vaca a retroceder; mas, na oportunidade, os homens da expedição, em busca de alimentos, exploraram os trechos navegáveis do alto-Paraguai e do Jauru, e atingiram o intervalo leste-oeste do Guaporé, já na bacia amazônica. Por essa mesma época, tem início a exploração do curso médio do rio Paraná atualmente brasileiro, e a colonização de suas margens pelos espanhóis com a fundação, em 1554, da vila de Ontiveros, a montante das Sete Quedas, três anos mais tarde substituída pela Ciudad Real del Guairá. Mais para o interior, na confluência do Corumbatai com o Ivaí, fundaram, em 1576, a Vila Rica do Espírito Santo. Tentaram os espanhóis fixar-se, também, na margem esquerda do rio Uruguai, no que, mais uma vez, foram obstados pelos inconciliáveis charruas. Nova tentativa de fixação, em território uruguaio, ocorreu com o Adelantado Zarate, em 1573; como das vêzes anteriores, a isso se opuseram os nativos, atacando e repelindo os usurpadores das terras que, por direito, lhes pertenciam.

O último adelantado, Tórres de Vera y Aragón, preocupou-se, particularmente, em atrair os índios de entre os rios Uruguai e Paraná. Sucede-lhe Hernando Arias de Saavedra, o famoso Hernandárias, que, convencido da inutilidade dos esforços para reduzir os silvícolas pela força bruta, buscou fazê-lo pela conquista pacífica, mediante o auxílio do Evangelho. E com o sistemático apêlo de Espanha às comunidades religiosas, particularmente à dos Jesuítas, para a catequização dos aborígenes do rio da Prata, em consequência surgiram, nas primeiras décadas do século XVII, os núcleos de populações indígenas, as chamadas "reduções" de entre os rios Paraná e Uruguai, na atual província argentina de Corrientes; da margem esquerda do rio Uruguai, no Estado do Rio Grande do Sul; e da região compreendida entre os rios Paranapanema, ao norte, Iguaçu, ao sul, Itararé, a leste e Paraná, a oeste, conhecida por Guairá, hoje território paranaense. Subindo o rio Paraguai, localizaram-se também os jesuítas em terras do atual sudoeste matogrossense, região conhecida por Itatin, a oeste do rio Pardo, onde havia a cidade espanhola de Santiago

do Xerez, situada em um planalto da cadeia do Amambai, perto das nascentes do rio Aquidauana.

Ao Padre Roque Gonzalez, jesuíta paraguaio, cabe a glória de ter dado início à grandiosa tarefa; sucedem-lhe outros dignos companheiros de sacerdócio que, em peregrinações incansáveis vão grupando, em lugares adequados, aquelas populações esparsas e selvagens, na esperança de arrancá-las do estado inferior em que se encontravam e de furtá-las ao saque e à sanha destruidora do branco conquistador.

E, assim, no flanco da corrente colonizadora, que ascendia pelos rios Paraná e Paraguai, iam os espanhóis cobrindo-se das possíveis ações do rival de Leste.

Desta forma, em 1630, ainda durante a vigência da união das Coroas ibéricas, além de Ciudad Real e Vila Rica, citadas anteriormente, existiam mais: Loreto e Santo Inácio, à margem esquerda do Paranapanema; Ângelus e São Tomé, no Corumbataí, e, perto das nascentes dêste rio, Concepción de los Gualachos; San Pablo, Jesus Maria e Santo Antônio, na margem direita do Ivaí; San José, San Xavier, Encarnacion e San Miguel, na margem esquerda do Tibagi, e a leste dêste rio, San Pedro; na bôca do Iguaçu, Santa Maria Maior, além de muitas outras, mais para o Sul, nas margens do rio Paraná.

## 2. Influência das Bandeiras na Formação dos Lindes Ocidentais do Brasil.

### a. *O Ciclo da Caça ao Índio e a Conquista das Regiões de Guairá e do Itatin.*

Voltemo-nos agora para a orla atlântica, cenário da ação lusitana.

Enquanto os espanhóis, valendo-se dos rios que constituem a bacia do Prata, incursionavam pelo interior do continente, os portugueses, ao contrário, pelas condições geográficas do litoral, eram levados aos movimentos laterais e divergentes, ao longo da costa brasileira.

A inexistência de um grande curso de água que, partindo do litoral, corresse no sentido dos paralelos; a localização da grande muralha em que se constitui a serra do Mar, quase a pique debruçada sôbre o Atlântico; a existência de povos selvagens e hostis e as características da costa sul, baixa e sem recortes, varrida de ventos velozes e açoitada por ressacas violentas, eis aí o conjunto de obstáculos que dificultaram a imediata penetração no interior da Colônia. Contudo, a ambição do ouro e do diamante, razão maior da presença desses aventureiros nestas plagas, seria a força incontrolável que levaria aquela gente resoluta e destemida, à epopéia do devassamento, da conquista e da colonização do Brasil

x x x

Uma vez fundada no planalto, depressa começou a prosperar a vila de São Paulo, logo ali se fazendo sentir a falta de braços para o

trabalho, particularmente o agrícola, dado a deficiência do número de colonos e ao fato de preferirem, os que aqui aportavam, furtar-se ao duro e puro rendoso labor campestre. Impunha-se, assim, a necessidade de se encontrar uma fórmula que resolvesse o problema. E para homens rudes, muito pouco escrupulosos e ávidos de riquezas fáceis, solução mais viável e barata do que a de apresar índios para depois utilizá-los ou vendê-los como escravos, naquelas circunstâncias, nenhuma outra lhes seria mais vantajosa. Tanto mais que podiam alegar, como justificativa da ação, a necessidade de impedir que novos ataques fôsem realizados pelos silvícolas, não só à nascente povoação, mas, também, contra as colunas que se internavam no sertão para reconhecimento da terra ou em busca do ouro da Ribeira do Iguape, das regiões de Cananéia e Paranaguá e do planalto curitibano.

E depois que os viveiros indígenas das imediações começaram a esgotar-se, tiveram os paulistas de procurá-los mais longe.

A primeira investida nesse sentido, dirigiu-se contra os Tupiniquins do Tieté, de onde passaram ao Paranapanema; e pelo caminho indígena do Piabiru, que demandava as Sete Quedas, alcançaram os rios Tibagi, Ivaí e Paraná, entrando em contato com os espanhóis do Guairá que, como vimos anteriormente, ali já se encontravam estabelecidos.

As vantagens que lhes adviriam do ataque àquelas grandes concentrações de índios, já domesticados e conhecedores de ofícios, não escaparam aos paulistas que, com fúria devastadora, se lançaram contra as inúmeras "reduções" existentes na região e acabaram por levar ao completo extermínio aquela obra notável e humanitária dos Jesuítas.

E, assim, em plena vigência da união das monarquias ibéricas, travou-se o primeiro conflito de fronteiras terrestres entre portugueses e espanhóis, em terras da América.

Em 1628, para se vingarem de um ataque de índios, aliados dos Jesuítas, talaram os paulistas as fronteiras setentrionais do Guairá. E, dois anos mais tarde, subindo a Ribeira do Iguape e transpondo a cadeia do Paranapiacaba, caíram sobre a parte meridional da referida Província, destruindo as "reduções" ali existentes, e levando ao cativeiro ou à morte aquelas populações infelizes. "Vimos — diziam eles — expulsar-vos deste país que nos pertence e não ao Rei de Espanha."

Em 1632, cruzando o alto-Paraná, concluíram os paulistas a ação expansionista encetada para Sudoeste, apoderando-se das "reduções" dos índios Itatines, existentes a oeste do rio Pardo, terras do Sul de Mato Grosso. O autor da proeza, Antônio Raposo Tavares — o herói de tôdas as distâncias — em seguida subiu o rio Paraguai, atingiu o Guaporé e o Mamoré, e, descendo o Madeira e o Amazonas, atingiu

a foz do maior rio do mundo, no maior dos circuitos interiores até então registrados no Brasil.

Ressalte-se que do ciclo da caça ao índio não resultou a imediata fixação dos luso-brasileiros nas terras abandonadas pelos espanhóis; ao contrário, por longos anos permaneceram desabitadas, circunstância que veio facilitar o povoamento da região no século seguinte, e permitir a consolidação da posse pela ocupação efetiva da terra, mais tarde reconhecida e ratificada nos tratados que fixaram a fronteira sudoeste de nossa Pátria.

*b. O Ciclo do Ouro e do Diamante e a Conquista do Oeste*

A partir de 1641, depois de destruídas as "reduções" do Tape, a leste do rio Uruguai, passaram as expedições paulistas a dirigir-se mais para Oeste e para o Norte do que para o Sul; alcançaram o Setentrião do Paraguai, o distrito de Santa Cruz de la Sierra e as cordilheiras do Peru. Logo depois, outra bandeira paulista, cruzando o sertão de Goiás, atinge o Amazonas; e mais outra explora a vasta região compreendida entre o planalto dos Parecis e a zona meridional do Paraguai. Atinge-se o divisor de águas do Amazonas e do Prata, ao mesmo tempo em que mais uma bandeira paulista chega ao Araguaia. Desbrava-se o imenso sertão, agora em novos azimutes, balizando outros caminhos e criando mais títulos de posse para a Coroa portuguesa.

Mas, até essa época, as zonas auríferas descobertas no território da Colônia não tinham apresentado rendimento realmente compensador. E, em face das dificuldades financeiras por que passava o Reino lusitano, procurou o Governo interessar os bandeirantes nas pesquisas minerais, mediante promessa de grandes recompensas aos que, com bom êxito, as realizassem. Em consequência, várias bandeiras, sucessivamente, se embrenharam no sertão em busca de ouro e de pedras preciosas.

E depois do descobrimento das Gerais, passaram os paulistas a procurar ouro, também em outras regiões.

"Pelo Tieté abaixo, até a barra, pelo Paraná até o Pardo, por êste até a balança das águas com o Paraguai; pelo Coxim, pelo Taquari, pelo Paraguai, pelo São Lourenço, pelo Cuiabá, atingiu-se a descobertos em que o ouro se apanhou às arrôbas. E logo transporta a chapada e espontados rios que correm ao Amazonas e ao Prata, chegou-se às cabeceiras do Guaporé, desceu-se para o mato grosso do Jauru ou avançou-se para o alto-Paraguai." (Fig. 4)

Em tôda parte se descobre o metal cobiçado em abundância, e para aquêles confins afluí sem demora, grande número de aventureiros que depressa vão povoando a região.

### 3. A arrancada para o Norte e a conquista da Amazônia

Até 1580, ano que marca o início do período de união das Coroas ibéricas, permaneceu abandonada toda a vasta região litorânea, ao norte de Itamaracá.

Somente a partir de 1584 foi possível organizar expedições que realmente apresentassem condições de vencer a resistência do gentio e expulsar os franceses que, aliados aos nativos, se achavam estabelecidos em alguns pontos do litoral.

Assim, já no ano seguinte, se conquistava a Paraíba e, em 1598, o Rio Grande do Norte.

Em 1611, fixavam-se os portugueses no Ceará, e os franceses, em 1615, eram definitivamente expulsos do Maranhão.

Em 1616, atingia-se o Grão-Pará, de onde partiriam os lusos para a posse da margem esquerda do grande estuário, até o Oiapoque, onde ingleses e holandeses iam já "tomando muito pé".

Atingida a expansão litorânea nortista seu ponto extremo — o cabo Orange — era tempo de levá-la também ao interior, pelo Amazonas acima. E com esse intuito, em 1637, partiu Pedro Teixeira, de Cameté; alcançou o rio Napo e junto à foz do Aguarico, em terras hoje pertencentes à República do Equador, de espada em punho e em nome de Portugal, tomou posse de toda a imensa região que se estendia para leste daquele ponto.

A posse do rio Solimões ou médio-Amazonas, completou-se nos últimos decênios do século XVII, com a expulsão dos remanescentes espanhóis que ali pretendiam fixar-se.

### 4. Síntese Retrospectiva

Estamos no limiar do século XVIII.

Repassemos, por instante, a vista sobre esta Carta da América do Sul, e teremos, num relance, a síntese da história de dois séculos de conquista, exploração e povoamento das terras do Novo Continente.

Realmente. Enquanto os portugueses abordavam a América do Sul por sua costa leste, em vários pontos do litoral brasileiro, espalhando-se lateralmente pela periferia e, em seguida, para o interior — partindo particularmente de São Paulo, e também usando a via fluvial do Amazonas — os espanhóis, ao contrário, marchando em direções opostas — descendo das Antilhas e subindo os formadores do rio da Prata — assim procedendo, forçosamente teriam de encontrar-se no interior do continente, e de realizar, embora involuntariamente, um simulacro de duplo envolvimento dos lusitanos, do que resultariam os choques entre as correntes colonizadoras dos dois povos rivais,

e o balizamento de nossas dilatadas fronteiras terrestres ao Norte, no Sul e no Ocidente.

Verificaremos ainda que as correntes espanholas não tenderam para o Levante; particularmente a do Sul, preferiu orientar-se para Noroeste, atraída pela inexorável fascinação do Eldorado, e, também, levada pelo natural desejo de procurar, breve, o contato com os compatriotas que do Norte lhe vinham ao encontro.

Outras circunstâncias no entanto, e também o fator geográfico, decisiva influência tiveram na partilha das terras do Nôvo Mundo, entre lusos e castelhanos.

De fato Enquanto para os colonos espanhóis, como já vimos, as riquezas auríferas do Peru — e também as do México — se constituíram, desde o início, no poderoso fascínio que os levaria a dividirem-se pelas três Américas e pelas Antilhas, para os portugueses, a falta inicial de tais incentivos permitiu-lhes concentrar seus meios no Brasil, na costa atlântica. Enquanto os espanhóis, na América Meridional, penetravam livremente pela embocadura do Prata, e se adentravam, continente acima, remontando o rio Paraguai, os portugueses defrontavam-se com a serra do Mar que, estendendo-se ao longo da costa, servia de anteparo à penetração para o interior. E mais para o Sul, depois que a serra Geral se dobra para o Oeste (apresentava-se o extenso litoral do Rio Grande, baixo, inóspito e sem ancoradouros, que, por não proporcionar segurança às caravelas, e pontos de apoio às tripulações, por dois séculos desencorajaria as correntes colonizadoras a tentar o domínio daquela imensa faixa de terra, em cujo interior, por outro lado, dominava o gentio, bravo e altivo, resoluto e indômito, que tantas vezes fizera frustrarem-se as tentativas espanholas de fixação na margem esquerda do estuário.

Ao Norte, também, o sentido da alta Cordilheira, correndo paralelamente às costas banhadas pelo Grande Oceano, parecia indicar ao conquistador o caminho a seguir, já que, nas bandas orientais do Setentrião americano, se estendia a imensa floresta tropical, misteriosa e indomável.

É provável, segundo opinião de historiadores patricios, que se os espanhóis, dado a grande antecedência que levavam sobre os portugueses, se tivessem orientado decisivamente para Leste, talvez não fôsse o Brasil, hoje em dia, senhor dos cursos do Amazonas e do Prata. “O que nos salvou, nesse momento geográfico decisivo, foi o fato de a ambição espanhola estar voltada para o império dos Incas e para o Sul.” E, também, parece verdade, aliadas a êste fato, as particularidades geográficas do continente sul-americano: ao Norte, a Hiléia amazônica; ao Sul, os saltos e as corredeiras do Uruguai e do Paraná; no Centro-Oeste, o Pantanal mato-grossense.

(*Continua no próximo número*)